

CORREIO DO POVO

HUIS-CLOS

(Especial para o "Correio do Povo")

REINALDO MOURA

A peça mais difícil de Jean Paul Sartre foi levada à cena uma noite destas, no Círculo Social Israelita, pela **Comédia da Província**. E devemos confessar desde já que a expectativa era modesta. Teatro dessa hierarquia, com um profissional e dois ou três amadores, realmente seria apenas uma promessa humilde. Entretanto ultrapassou a expectativa deste observador de boa vontade, e creio, porque senti no ambiente a vibração e o contágio, que na verdade foi uma bela vitória da **Comédia da Província** sobre as exigências de um público numeroso, e as duras escarpas da peça de Sartre, que não se entrega com facilidade, mas obriga o espirito dos que a interpretam a uma aguda disciplina numa atmosfera de inquietação metafísica por vészes quase irrespirável.

Era justamente a complexidade profunda desse ato unico de "**Huis-Clos**" que nos fazia temer um arrastado desenrolar e um divórcio entre o público e o aparente hermetismo do palco. Quem sabe quantas pessoas, daquelas ali reunidas sob o convite amavel do clube israelita, teriam lido a peça de Sartre? Estavamos acreditando, como sempre, que sem uma leitura previa desse ato, a compreensão total estaria prejudicada. E' verdade que uma comunicação mais intima se estabelece quando o expectador já leu o texto que está sendo vivido. Há peças que, como esta, pela densidade tremenda de seu conteúdo, parecem exigir essa preparação. Talvez mais ainda esse episodio do teatro sartriano, simples na sua aparência, como tódas as peças do autor, mas realmente se dilatando como que numa outra

dimensão da vida, no plano existencial onde a filosofia do escritor coloca, desde as pedras fundamentais, essa obra literaria sem paralelo, unica na novela e no teatro pela presença quase agressiva de seu imenso talento. **Huis-Clos** é uma montanha, uma pequena e aguda montanha para campeonato.

E' porisso que Silva Ferreira, Wlacyra, Alba, Abujamra, merecem um pensamento de aplauso daqueles que, ainda agora, recordam aquela noite de sua difícil vitória.

Afinal, teatro é isso, uma representação mais profunda do mundo e da vida, uma sondagem, tódá a poesia que está oculta entre nós, no cotidiano, e que de represente um autor, desses chamados difíceis, consegue trazer à tona da existencia banal de todos os dias. Os dois planos em que se desenvolve **Huis-Clos** a terra distante pela distancia da morte, e a camara da eternidade, exigem dos homens um pensamento mais grave. Exige que eles abandonem por um momento as lisas preocupações do instante, para se aprofundarem no abismo que existe, mal velado, sob o fragil esmalte desse mesmo instante, que é um corte na vida por onde as aguas correm com sua musica eterna. Teatro deve fazer pensar.

A multidão se precipitando, depois, para abraçar os quatro artistas, não dizia outra coisa entre dois elogios. Isso faz pensar, e nos transporta um pouco para mais perto da vida.

Pois a vida é essa qualquer coisa de inconcebível, que atravessamos e perdemos. Mas que a arte valoriza pelo subito choque cujo esplendor a esclarece, tornando-a mais próxima de nós.